

O BASQUETE COMO UM COMPONENTE LÚDICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

CÁSSIA CRISTINA DE AZEVEDO BATISTA¹

RESUMO

O basquete é um dos esportes que está em ascensão no Brasil e no mundo nos dias de hoje. Assim como a Educação Física escolar que com suas atuais abordagens, vem ganhando mais espaço e credibilidade dentro da área pedagógica. Sendo assim, este estudo tem como objetivo relatar, através de caráter bibliográfico, a importância da educação física num âmbito escolar para a formação de jovens e crianças, com um dos esportes que não era tão praticado nas aulas antigamente, e que pode proporcionar diversos benefícios, principalmente junto ao lúdico. A partir do referencial teórico pesquisado sobre o lúdico nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente na aprendizagem do desporto basquetebol, a questão do lúdico demonstrou ser muito importante na formação dos alunos, tanto de forma cultural, social como pessoal, e sendo trabalhado junto a um esporte pode proporcionar ótimos resultados nas aulas de educação física, de modo que os alunos conheçam uma modalidade esportiva ainda pouco divulgada no país, aprendendo suas regras, história, técnicas, táticas. Deste modo, o presente estudo, através da revisão da literatura indicou uma maior motivação para os treinamentos e as aulas de aprendizagem de fundamentos, pois os alunos submetidos a este tipo de atividade (lúdica) vão aprender brincando.

Palavras-chave- basquetebol; educação física; escola; lúdico.

Abstract

Basketball is a sport that is on the rise in Brazil and in the world today. Well as school physical education than with their current approaches, gaining more space and credibility within the educational area. Therefore, this study aims to report, through bibliographical character, the importance of physical education in a school setting for the training of youths and children, with one of the sports that was not so practiced in class before, and it can provide several benefits mainly by the playfulness. From the theoretical framework research playfulness in Physical Education classes, especially in learning sport of basketball, the question of the play proved to be very important in the training of students both culturally, socially and staff, and is working closely with a sport can provide excellent results in physical education classes, so that students know a sport still little known in the country, learning its rules, history, techniques, tactics. Thus, this study, through literature review indicated a greater motivation for training and classes for learning fundamentals, as students undergoing this type of activity (recreational) will learn by playing.

Key- words: physical education; school; playful

¹ Bacharel em Educação Física pela Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO. Cursando Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Educacional de Assis – IEDA/UNIESP.

Introdução

O Basquetebol é um dos mais emocionantes esportes da atualidade e observa-se um crescente aumento no número de participantes ao longo dos anos em todo o mundo. Além do mais, a constante atualização de suas regras torna o Basquetebol atraente não só como prática de competição, mas também de lazer nas horas de folga (GUARIZI, 2007, pag. 19).

Apesar de ser um jogo de competição, num âmbito escolar, pode ser utilizado de uma forma lúdica, assim como diz Civitate (2012), relatando que os jogos competitivos podem ser uma base de educação voltada à realidade, nos quais o aluno expõe a honestidade ou desonestidade, fortaleza ou debilidade, respeito ou desrespeito, aceitação ou rejeição a derrota, a agressividade ou a moderação.

Os jogos são importantes instrumentos de desenvolvimento de crianças e jovens, longe de servirem também, apenas como diversão, o que já seria importante, pois proporcionam situações que podem ser exploradas de diversas maneiras educativas (DOHME 2004).

Segundo Jobim, Pureza e Loureiro (2008), a prática do Basquetebol auxilia no desenvolvimento físico, técnico, tático, psicológico, moral e social, também desenvolvendo capacidades físicas como coordenação, ritmo, equilíbrio, agilidade, força, velocidade, flexibilidade e resistência.

Santos e Loureiro (2008) ressaltam a importância de se iniciar o Basquetebol em idade escolar, nas aulas de Educação Física, pois por meio destas, com esse contato com o esporte, que planejarão seu futuro.

Deste modo, esse trabalho visa analisar a literatura referente ao Basquetebol como componente lúdico no âmbito escolar, pois deste modo será possível aprimorar o conhecimento sobre o assunto de forma crítica e reflexiva.

Referencial Teórico

Basquetebol

Histórico

O basquetebol como expressão ou modalidade esportiva, pode ser compreendido e interpretado desde o início, com sua evolução através do tempo, para contribuir no melhor entendimento do jogo tanto competitivo, como pedagógico (GUARIZI, 2007).

Em 1891, o basquetebol foi criado na Associação Cristã de Moços de Springfield, Massachussets, nos Estados Unidos, pelo professor canadense James Naismith. Ele já realizava outras modalidades com os alunos, porém com pouco desinteresse destes, pela monotonia das aulas. Deste modo, o professor James Naismith atendeu ao pedido do diretor do Instituto e resolveu criar um jogo interessante e agradável, que pudesse ser praticado em lugares fechados, devido ao rigoroso inverno, que atendesse um grande número de pessoas praticando ao mesmo tempo, sem muito contato físico e com sentido coletivo. Naismith idealizou, assim, um tipo de jogo com uma bola maior do que as que já existiam em outros jogos, e com cestos de pêssegos colocados a uma altura de aproximadamente de 3 metros do solo (GUARIZI, 2007; FERREIRA e JÚNIOR, 1987; COUTINHO, 2007).

As primeiras regras do jogo eram bem simples, nos quais os jogadores não poderiam correr com a bola na mão, não poderia utilizar os pés, realizavam os lançamentos com as mãos, não haveria muito contato com o adversário. O basquetebol, inicialmente, era jogado variando de 3 a 40 jogadores, e esse número foi fixado em cinco somente, no ano de 1897, devido à falta de espaço (FERREIRA; JÚNIOR, 1987).

Esse novo jogo deixou os alunos tão empolgados, que ficou difícil de tira-los do ginásio depois dos horários das aulas. Esse nome, Basketball, foi batizado por um aluno chamado Frank Mahan, que em português quer dizer bola no sexto (GUARIZI, 2007).

O primeiro jogo masculino foi realizado em março de 1892 e em 1893 o primeiro jogo feminino (FERREIRA; JÚNIOR, 1987).

O Brasil foi o quinto país que conheceu o basquetebol, e o primeiro da América do Sul, sendo introduzido em 1896 pelo professor Auguste Shaw, no

colégio de São Paulo, Mackenzie. Shaw trouxe uma bola já oficial do esporte quando iniciou sua prática, que, a seguir foi introduzido na escola Normal da Praça e ACM de São Paulo (FERREIRA; JÚNIOR, 1987; COUTINHO, 2007).

Em 1912 ocorreu a primeira partida oficial, no Rio de Janeiro, e em 1925, o primeiro campeonato Brasileiro. No ano de 1933 foi fundada a Federação Brasileira de Basquetebol, e em 1941 passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB). No ano de 1904 foi feita a primeira demonstração do esporte, nas olimpíadas de St. Louis, porém só foi jogado oficialmente em 1936, nas olimpíadas de Berlin (COUTINHO, 2007).

Em Santiago, do Chile, o Brasil tornou-se, pela primeira vez, campeão mundial masculino de seleções, e já no ano de 1963, conquistou o bicampeonato mundial, disputado no Rio de Janeiro. Em 1994 foi à vez da seleção feminina, pela primeira vez, vencer e tornar-se campeã mundial de seleções. Com essa mesma base, no ano de 1996, a seleção feminina foi vice-campeã olímpica, nos jogos de Atlanta, nos Estados Unidos (COUTINHO, 2007). Por meio dessas conquistas surgiram alguns nomes de destaque no país, como Oscar no masculino, Paula e Hortência no feminino.

Regras e Organizações

James Naismith introduziu as primeiras regras do basquetebol, como já citado anteriormente, nas quais os jogadores deveriam utilizar as mãos para jogar tanto para receber a bola, como para arremessá-la, ao cesto ou para o jogador. Não era permitido correr com a bola na mão, e nem empurrar ou segurar os adversários. A meta era alta e horizontal, situada a aproximadamente 3,05 metros do chão. O número de jogadores era ilimitado. O jogo possuía dois tempos de 15 minutos, com 5 minutos de descanso. O lance livre valia 1 ponto e a cesta 3 pontos. O jogador que fizesse falta seria excluído do jogo até que alguém fizesse uma cesta (OKAZAKI, 2002).

Em 1893 Narraganset M. Company constrói a primeira rede de cesta com corda e anel de ferro, bem parecida com a atual, porém as redes com as cordas transadas eram com o fundo fechado, usando bastões e escadas para retirar as bolas. Posteriormente as redes teriam fundo aberto. Nessa mesma

época se autoriza usar o “pé de pivô”, deixando um pé fixo no chão e podendo movimentar o outro. O tempo de jogo passaria a ser dividido em dois tempos de vinte minutos, com dez minutos de descanso (OKAZAKI, 2002).

No ano de 1895 a linha do lance livre vai pra 4,6 metros de distancia da cesta e em 1896 as pontuações variam com lance livre um ponto e dois pontos para cesta. Neste ano é introduzida também a tabela, proporcionando assim jogadas de rebote. Porém somente no ano de 1906 a tabela torna-se obrigatória. Em 1908 se proíbe driblar mais de uma vez e os jogadores passam a ser expulsos de campo com cinco faltas. Já em 1910 essa expulsão passa a ser com quatro faltas individuais e há a obrigatoriedade de dois árbitros no jogo. Em 1921 surge a figura do pivô, e no ano de 1924 estipula-se que o jogador que receber a falta deveria ser o cobrador do lance livre. Em 1930 é fixado tamanho e peso da bola com circunferência de 77,5 cm e peso de 896 a 868 gramas. No ano seguinte se estabelecem as medidas da quadra $26 \times 5 + 2 \times +1$. No ano de 1932 foi instituído que o time com a posse da bola teria dez segundos para passar de sua quadra defensiva para sua quadra ofensiva. Em 1936 é permitido três pedidos de tempo por equipe e permitisse cinco jogadores na reserva. Foi estipulado, nesse mesmo ano, que o jogo seria reiniciado, depois da cesta, na linha do fundo do campo defensivo de quem tomou a cesta. Já no ano de 1944 o número de substituição passa ser ilimitado e volta ser cinco o número de faltas individuais que ocasionam a expulsão do jogo. No ano seguinte é legalizado o bloqueio, mas conhecido com “toco”. Em 1952 o garrafão é ampliado e é determinada a pintura do retângulo nas tabelas (OKAZAKI, 2002).

Dois anos depois foi aumentado o tempo de posse de bola para vinte e quatro segundos e os lances livres seriam cobrados somente depois da quinta falta de equipe. Na década de 60 decide-se não trocar mais as regras, sendo revisadas a cada quatro anos, exceto em casos excepcionais. Decide-se também que a retenção da bola por mais de cinco segundos sob pressão será efetuada a bola ao alto. O garrafão adquire forma de trapézio e é eliminada a regra dos dez segundos para passar para o campo ofensivo. Em 1980 define-se que não poderá haver empate, ocorrendo a prorrogação até que uma equipe vença, já em 1984 cria-se a linha de três pontos, a 6,25 metros da cesta,

aperfeiçoando assim arremessos de longas distância, e hoje essa distancia é de 6,75. Na década de 90 as faltas são acumulativas e não se podem mover os pés nas cobranças da lateral (OKAZAKI, 2002).

A maioria dessas regras já citadas continuam até os dias de hoje. As dimensões atuais da quadra que são de 28 metros de comprimento por 15 metros de largura. Em relação ao tempo de jogo, é constituído de quatro períodos de dez minutos, com intervalos de 2 minutos entre o primeiro e segundo período, e entre o terceiro e o quarto período. Já o intervalo em segundo e terceiro período, que se da na metade do jogo, será de 15 minutos. No início do primeiro período realiza-se a bola ao alto com uma disputa para ver quem começa. Já nos outros períodos a bola estará com o time que perdeu na bola ao alto, alternando assim a reposição para o jogo. Isso também ocorre com a bola presa. Caso o jogo termine empatado, serão realizadas prorrogações de cinco minutos, quantas possíveis, ate quebrar o empate. Permanece a regra de vinte e quatro segundos, que é o tempo que uma equipe tem, quando toma posse da bola, para efetuar uma jogada de ataque. Esse tempo se reinicia assim que a bola toca o aro em um arremesso. Caso isso não ocorra há uma infração e a bola passa para o time adversário. Dentro do garrafão (área restritiva do adversário), há um semicírculo de não carga, onde nessas áreas especifica, o jogador de ataque poderá penetrar sem preocupar-se com o contato no adversário, não ocorrendo falta de ataque, a menos que de forma desleal. Regras essas atualizadas no ano de 2014 pela FIBA (Federação Internacional de Basquetebol)².

Aspectos técnicos e táticos

Os fundamentos do basquetebol são considerados como aspectos técnicos e caracterizam-se por passes, dribles, arremessos, rebotes, marcação e deslocamento (manejo de corpo com ou sem a bola). Sua correta execução proporciona ao atleta um melhor rendimento, obtendo destaque frente aos outros, e praticando o esporte de forma mais natural (GUARIZI, 2007; FERREIRA e ROSE JR, 1987).

² Informações retiradas do site www.fiba.com.br

A empunhadura ou manejo de bola são fundamentos que envolvem o manuseio, ou maneira de segurar a bola, que se relaciona com diversos outros fundamentos, como por exemplo, um movimento de passe, sendo, portanto a capacidade de manusear a bola nas diversas situações do jogo.

O drible é o fundamento mais utilizado, para conduzir a bola pela quadra, com ato de bater a bola, impulsiona-la contra o solo com uma das mãos. Dentro das situações do jogo podem-se identificar alguns tipos de dribles.

Drible alto – utilizado com o intuito de o jogador deslocar-se com maior velocidade, utilizado principalmente quando não esta sofrendo uma marcação próxima.

Drible baixo – utilizado quando o jogador sofre uma marcação mais próxima, havendo necessidade de uma maior proteção da bola, portanto o jogador posiciona com o corpo curvado para frente protegendo a bola.

Drible com mudanças (fintas) – utilizado quando o jogador precisa fintar o adversário. Essas fintas podem acontecer pela frente do corpo, trocando a bola de mão, com um giro, passando pelo adversário, entre as pernas, também trocando de mão e mudando a direção; e por traz do corpo (FERREIRA e ROSE JR, 1987; GUARIZI 2007).

O passe é um fundamento de ataque que constitui em lançamento da bola entre os jogadores de uma mesma equipe para chegar à meta que é a cesta. Existem diferente tipos de passe, como o passe de peito, utilizados de forma rápida para curtas distancias. Passe picado, também utilizado para curtas distancias, utiliza o mesmo movimento do passe de peito, porém com a bola sendo lançada ao solo antes de chegar ao companheiro. Passe por cima da cabeça, com ambas as mãos em cima da cabeça, lançando a bola em curtas distancia, sendo muito usado para servir o pivô (jogador alto que se posiciona perto da cesta). Passe de ombro, com ambas as mãos na altura do ombro, utilizado para atingir longas distancias, principalmente jogadas de contra-ataque (FERREIRA e ROSE JR, 1987).

Arremessos são fundamentos de ataque realizados com objetivos de se conseguir a cesta, que determina o numero de pontos das equipes durante o

jogo, conseqüentemente a vitória ou derrota. Assim como os passes, o arremesso possui diversas maneiras de executá-lo, como o arremesso com uma das mãos, a bandeja que é um arremesso executado em deslocamento próximo a cesta adversária. O arremesso “jump” (saltar, pular) tem como características o arremesso junto com o momento mais alto de um salto. Podemos citar também o arremesso de gancho, muito utilizado pelos pivôs, e a enterrada que se trata do salto junto com a colação direta da bola na cesta. (FERREIRA e ROSE JR, 1987).

Rebote é o fundamento para obtenção da posse da bola, após um arremesso a cesta, não convertido. O rebote pode ser tanto defensivo com ofensivo, sendo o rebote defensivo, aquele em que o jogador recupera a bola após um arremesso do adversário. Já o rebote ofensivo ocorre quando um jogador que está no ataque, recupera a bola que foi lançada a cesta pelo seu companheiro, continuando assim o ataque ao time adversário. (FERREIRA e ROSE JR, 1987) (GUARIZI, 2007).

Aspectos táticos – são recursos para definir situações de um jogo, utilizando de forma adequada e racional, os fundamentos de ataque e defesa, junto a habilidades individuais de cada jogador.

Os sistemas de defesas são ações táticas do grupo, que tem como objetivo um melhor rendimento defensivo, podendo ser classificados em zona, sob pressão, misto e combinado.

Sistema individual - tem como característica a situação de um contra um, combinando previamente que cada defensor marca um atacante determinado.

Sistema por zona - tem como característica a marcação e o deslocamento dos jogadores de defesa, em uma determinada área. Sendo assim, cada jogador fará a marcação em uma determinada área, deslocando-se de acordo com a movimentação da bola, também combinado a saídas de seus companheiros.

Sistema sob pressão – tem como característica a agressividade, colocando dois defensores marcando um atacante, exigindo muito condicionamento físico dos defensores, para surpreender o adversário.

Sistema misto – caracteriza-se por utilizar dois sistemas defensivos, simultaneamente, como por exemplo, um defensor fara marcação individual e os outros, marcação por zona.

Sistema combinado – caracteriza-se por dois ou mais sistemas defensivos distintos, dependendo do momento do ataque. Por exemplo, uma equipe poderá marca sob pressão na quadra adversaria, mas se o adversário passar por essa defesa, os defensores realizam a marcação por zona em sua quadra. Isso devera ser combinado e treinado muito para que na hora do jogo, os defensores saibam interpretar as jogadas.

Sistema de ataque são movimentos táticos coletivos, que tem como objetivo principal a conversão da cesta. Diferente dos sistemas de defesa, o ataque não tem uma classificação bem definida (FERREIRA; ROSE JR, 1987) (GUARIZI, 2007).

Educação física escolar

Objetivos

Na Educação Física, os objetivos e propostas tiveram modificações ao longo dos anos. Foi incluída na escola em 1851, no Brasil. Três anos depois, a ginastica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário e a dança no secundário. Em meados de 1930 a Educação Física tinha perspectivas higienista, preocupando-se com a saúde e o desenvolvimento físico e moral a partir do exercício. A educação física militarista tinha como objetivo preparar indivíduos para a guerra, excluindo os “incapacitados fisicamente”. Ambas as concepções consideravam a disciplina totalmente praticas, não necessitando de fundamentos teóricos (DARIDO, 2008). Após as guerras, implantaram um modelo americano chamado Escola Nova, que tinha como base o respeito a personalidade da criança, o desenvolvimento democrático e igualitária das escolas. A educação física passa a ser um meio de educação (TEIXEIRA, 2002). Em 1960 e 70 a educação física ganha novamente tendências militaristas e a partir da quinta série implantava-se a iniciação esportiva, visando novos talentos que pudessem competir internacionalmente, representando o país. Já na década de 80 a educação física escolar teve como

enfoque o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando aquela responsabilidade da escola de proporcionar esporte de alto rendimento. Ocorreram assim diversas mudanças nos objetivos, conteúdo e planejamento pedagógicos (DARIDO, 2008).

Atualmente existem diversas abordagens para a educação física escolar no Brasil, porém a disciplina, nas escolas, às vezes é tratada como desnecessária, ou menos importante que as outras. Apesar disso, é um componente da Educação Básica, integradas as propostas pedagógicas das escolas, sendo exercida em toda escolaridade (DARIDO, 2008).

Divisão didático pedagógica

Para romper um modelo mecanicista na área da Educação Física, criou-se atualmente várias concepções.

Na abordagem desenvolvimentista a proposta torna-se caracterizar a progressão do crescimento físico com desenvolvimento fisiológico, motor, afetivo, cognitivo, social na aprendizagem motora. Com isso, a aula de educação física deve privilegiar a aprendizagem do movimento, adaptando-se aos problemas do cotidiano e resolvendo problemas motores. A aula deve oferecer experiências de movimentos de acordo com nível de crescimento do aluno adaptando-se as exigências dos desafios motores, que a criança enfrentara no dia-a-dia (DARIDO, 2008 apud TANI et all, 1988).

Na abordagem construtiva interacionista, a proposta traz a interação como construção do conhecimento. Utiliza o movimento como forma de facilitar aprendizagens de outros conteúdos como a leitura, a escrita, etc. A educação física, portanto, propõe gradativamente tarefas mais complexa e desafios, visando à construção do conhecimento, de forma que a criança pense, interagindo, resolva os problemas (DARIDO, 2008 apud FREIRE, 2009).

Na abordagem psicomotricista, a proposta da educação física ocorre por meio do desenvolvimento da criança, garantindo sua formação integral. Propõe uma ação educativa a partir dos movimentos espontâneos das crianças e suas atitudes corporais. É considerada educação de base na escola primaria, pois

leva a criança a ter consciência do seu corpo, situar-se no espaço, consciência de lateralidade, etc (DARIDO, 2008 apud Le BOUCH, 1986).

Na abordagem crítico-superadora , a proposta trata-se do discurso da justiça social como ponto de apoio. Ela lê os dados da realidade, interpretando e emitindo um juízo de valor; julga os elementos da sociedade a partir de uma ética; busca uma direção dependendo de quem reflete. Por tanto é diagnóstica, judicativa e teleológica. A Educação Física é entendida por tratar de conhecimento da cultura corporal (DARIDO, 2008 apud COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na abordagem sistêmica a proposta trata-se de proporcionar aos alunos um entendimento do porque realizar os movimentos, ou também, saber utilizar fundamentos também aprendidos, todos juntos num determinado jogo. Experimentar movimentos na prática tem muita importância, além do conhecimento cognitivo e experiências afetivas vinda da prática de movimentos (DARIDO, 2008 apud BETTI, 1991).

Na abordagem cultural, a proposta retrata que todo movimento corporal está ligado a cultura do individuo, a aprendizagens que traz de uma determinada sociedade ou momento histórico (DARIDO, 2008 apud DAÓLIO, 1993).

O papel como formação de crianças e jovens

Quando ingressa a escola, os alunos já possuem conhecimentos sobre o corpo, trazido de experiências pessoais. Porém cabe a escola trabalhar essas experiências e outras que não teriam fora da escola.

Mas não é somente a cultura corporal que as crianças e adolescente aprendem nas aulas de educação física. O professor dessa área é o que mais possui afinidade com os alunos, pois é na quadra, durante as atividades que envolvem diversos fatores, que os alunos demonstram aspectos que, às vezes, em sala de aula não são notados, como competitividade, timidez, egoísmo, baixa autoestima, etc. É ai que o professor e a aula de educação física pode ajudar também, além dos aspectos de cultura do corpo, como também aspectos psicológicos, sociais, culturais, biológicos e etc.

Um dos aspectos de formação social do aluno são as práticas de respeito, dignidade e solidariedade, todos inseridos também nas aulas de educação física, visam o desenvolvimento de caráter do aluno e sua vida em sociedade. (SOUZA e JUNIOR, 2010).

Jogos lúdicos

A palavra “lúdico” refere-se no que tem caráter de jogos, brinquedos e divertimentos (FERREIRA, 2009).

O jogo, para as crianças, é uma das atividades mais importantes, assim como o trabalho é para o adulto. É necessário compreender o que o jogo representa na vida delas, para poder educa-las, entendendo sua mentalidade e entrando em seu mundo. Sendo assim, o jogo é uma atividade espontânea, desinteressada e que pode ter algumas regras ou obstáculos a serem superados (JACQUIN, 1963).

Johan Huizinga (2000) retrata a importância do jogo tanto na vida humana como na animal, e que, por meio do jogo a civilização surge e se desenvolve. Huizinga também diz que a cultura surge em forma de jogo, onde a base de muitas realizações (filosofia, ciência, arte, etc.) possuem tendências lúdicas.

Freire (2009) acredita na manifestação de esquemas motores, organizações de movimentos construídos pelos sujeitos, dependendo de seus recursos biológicos e condições do meio ambiente. Inserido no construtivismo, a construção do conhecimento acontece a partir da interação do sujeito com o mundo, sendo, portanto um processo constituído durante toda a vida do indivíduo.

Basquetebol como ferramenta lúdica para a educação física escolar

A iniciação de esportes como o basquetebol, num âmbito escolar, deve ser encarada de forma lúdica pelos professores, de modo que os alunos possam participar e desenvolver suas habilidades de forma espontânea. Com essa proposta, os alunos realizam movimentos e fundamentos não para ser melhor que o outro, ter maior rendimento, e sim, de maneira lúdica, aprendendo e se divertindo. Sendo assim, com essa forma lúdica de trabalhar as modalidades esportivas, os alunos irão possuir maior motivação, enquanto desenvolvem

habilidades motoras, facilitando a relação do professor e aluno durante a aprendizagem de conteúdos esportivos como o basquetebol, nas aulas de Educação Física (ANDRADE E SANTANA, 2013).

Ao praticar o basquetebol nas escolas os alunos possuem a oportunidade de aprendizagem motora significativa, além de experimentar um novo esporte, que muitas vezes não são aprofundados nesse âmbito escolar, mesmo porque, para isso, é necessária boa formação pedagógica e também conhecimento profundo sobre as fases de desenvolvimento do seu humano (JOBIM, PUREZA e LOUREIRO, 2008).

O esporte, no caso do basquete, junto com o lúdico, utilizado na educação básica de forma planejada, organizada e sistematizada, torna-se um instrumento pedagógico com grande importância no processo de aprendizagem dentro da Educação Física Escolar (ANDRADE; SANTANA, 2013).

Considerações finais

Na Educação Física Escolar muitos professores, principalmente à alguns tempos atrás, trabalhavam em suas aulas sempre a mesma coisa, como suas especialidades, ou até mesmo o que os alunos sempre pediam, como futebol para os meninos e queimada para as meninas. Esse é um dos motivos, a meu ver, que proporciona, muitas vezes, o descaso da disciplina.

Com algumas novas propostas pedagógicas onde os conteúdos a serem trabalhados já vêm previamente estipulados, há certas mudanças nesse aspecto, pois oferece assim diversas modalidades esportivas que, há algum tempo, os alunos sequer conheciam ou ouviram falar. Sendo assim o basquetebol passa a ser mais trabalhado nas aulas de Educação Física e, como mostra esse trabalho, os benefícios são diversos, principalmente junto ao lúdico, de forma que a criança aprenda brincando!

Referências bibliográficas

ANDRADE, Leandro Santos; SANTANA, Joseneide Siqueira. **Brincar e aprender: A Importância do lúdico para a iniciação esportiva nas aulas de Educação Física**. GT1 Educação de crianças, jovens e adultos. Sergipe, 2013.

CARNEIRO, Átila Viana. **Basquetebol como instrumento de inclusão e desenvolvimento social**. Trabalho de conclusão de curso, Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. Brasília, outubro de 2007.

CIVITATE, Hector. **505 Jogos Cooperativos e Competitivos**. Editora Sprint, 4ª edição, 2012.

COUTINHO, Nilton Ferreira. **Basquetebol na escola**. Editora Sprint, Rio de Janeiro, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2008.

DOHME, Vania D'Angelo. **Atividades lúdicas na educação - o Caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

FERREIRA, Aloisio Elias Xavier; ROSE JUNIOR, Dante de. **Basquetebol: técnicas e táticas; uma abordagem didático pedagógica**. Editora E.P.U. São Paulo, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Editora Positivo, 4ª edição, 2009.

FREIRE, JOÃO Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo, Scipione, 2009.

GUARIZI, Mario Roberto. **Basquetebol- da iniciação ao jogo**. Editora Fontoura, 1ª edição, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. Editora Perspectiva, 4ª edição. São Paulo, 2000.

JACQUIN, Guy. **A Educação pelo Jogo**. Flamboyant, 2ª edição, 1963.

JOBIM, Ana Paula; PUREZA, Leida Costa; LOUREIRO, Luciano Leal. **Iniciação Esportiva ao Basquete nas séries iniciais**. 2008. Acesso em: 01 de abril de 2014. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.br/seminarios/eventos/2008/artigos/edfis/414.pdf>.

OKAZAKI, Victor Hugo Alves. **Diagnóstico da Especificidade Técnica de jogadores que desempenham a função de armadores, alas e pivôs no basquetebol**. Monografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

ROSE JUNIOR, Dante. **A competição como fonte de estresse no esporte**. Revista Brasileira de Ciências e Movimento, v. 10, n.4, pg. 19-26. Brasília, outubro de 2002.

SANTOS, Rosane Oliveira; LOUREIRO, Luciano Leal. **Como trabalhar o basquete no contexto escolar**. 2008. Acesso em: 01 de abril de 2014. Disponível em: <http://guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2008/artigos/edfis/419.pdf>.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ciclo Básico em Jornada Única; uma nova concepção de trabalho pedagógico**. São Paulo, FDE, v.1, 1988.

SOUZA, Raquel Nascimento; FONSECA JUNIOR, Elvio. **A influencia da educação física na formação moral do aluno**. EFDesportes.com, Revista Digital, ano 15, n.147. Buenos Aires, agosto de 2010.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A Editores, 2002.

